

PROTAGONISMO E MODOS DE REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA

Valquíria Michela John[1]
Joana Luzia Tápea Pereira[2]

RESUMO
A pesquisa realiza o mapeamento da presença de mulheres negras como protagonistas das telenovelas da Rede Globo, do horário das 21h, mais importante faixa da teledramaturgia nacional. O mapeamento contempla o intervalo de 1980 a 2024 em que se analisam outros aspectos relacionados à construção das heroínas e vilãs dessas narrativas. Na segunda etapa, ainda em desenvolvimento, são analisadas as formas de representação dessas personagens, num total de apenas 18 (de um conjunto de 163 protagonistas) ao longo de cinco décadas analisadas. Neste artigo, destacamos o panorama quantitativo e alguns movimentos relacionados às formas de representação.

PALAVRAS-CHAVE: teledramaturgia; mulheres negras; representação

INTRODUÇÃO

Diversos estudos realizados ao longo das últimas seis décadas já destacaram o importante papel desempenhado pelas telenovelas brasileiras, especialmente as da Rede Globo de Televisão, no processo de formação de valores e percepções sociais quanto à própria realidade brasileira. Como produtos que refletem a sociedade, suas narrativas são atravessadas pelos diversos aspectos socioculturais que compõem a sociedade brasileira. Embora não seja "função" deste produto ficcional operar sobre a transformação da sociedade, "alfabetizar" para os temas que aborda ou mesmo promover o debate público sobre as práticas e temáticas sociais, sabemos que suas narrativas acabam por operar muitos desses processos, tanto de forma positiva, que contribui para a discussão de temas e assuntos muitas vezes difíceis de serem pautados na sociedade brasileira como pode atuar, intencionalmente ou não, para o reforço de representações segregadoras ou mesmo, no caso do recorte desta pesquisa, para o reforço do racismo estrutural. A representação de personagens negras nessas

[1] Professora Permanente do PPGCOM e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do grupo Obitel UFPR integrante da da Rede Obitel Brasil. Bolsista PQ2 CNPq. E-mail: valquiriajohn@ufpr.br
[2] Estudande do 8º. Período do curso de Jornalismo da UFPR, bolsista de Iniciação Científica CNPq, E-mail: joanatapea@ufpr.br.

produções, ao longo dos anos, tem sido marcada pela falta de diversidade e pela perpetuação de estereótipos que contribuem para o reforço ao racismo.

Na construção de narrativas, os estereótipos desempenham um papel central na manutenção de estruturas de poder e na definição de identidades sociais. Conforme argumenta Stuart Hall (1997), os estereótipos afetam as produções de sentido e simplificam a complexidade das identidades humanas, reduzindo indivíduos a um conjunto limitado de características que são vistas como naturais e imutáveis. Hall (1997) ainda aponta que os estereótipos tendem a ocorrer onde há uma discrepância de poder e geralmente são direcionados para grupos estigmatizados e excluídos.

Para entender o impacto destes estereótipos nas narrativas, este artigo se propõe a mapear e examinar a representação de personagens negras que atuaram como vilãs[3] e heroínas (mocinhas e antagonistas) nas novelas das 21h da Rede Globo no período de 1980 a 2024. Através de uma análise quantitativa e qualitativa das personagens selecionadas, a pesquisa busca identificar padrões de representação, bem como a evolução dessas representações ao longo dos anos. Como se trata de pesquisa em andamento, aqui destacamos a primeira etapa, a do mapeamento da presença de mulheres negras como protagonistas (heroínas/mocinhas ou vilãs) das tramas exibidas no período.

AS MULHERES NEGRAS NAS TELENOVELAS

Esta primeira etapa da pesquisa consiste, como dito, no mapeamento quantitativo da presença de mulheres negras como protagonistas das narrativas das telenovelas das 21h exibidas entre 1980 e 2024. O recorte recai, portanto, nas heroínas (mocinhas) e vilãs (antagonistas) que constituem o eixo central da narrativa de toda telenovela, daí a importância de olhar especificamente para essas personagens. O gráfico a seguir destaca as disparidades encontradas ao longo das cinco décadas analisadas, sendo que é possível perceber que somente nas duas últimas décadas a presença de mulheres negras, como protagonistas das tramas, começa a ocorrer:

[3] Vilãs são entendidas nesta pesquisa como as antagonistas das mocinhas (aqui chamada de heroínas), e são aquelas que contemplam as características do arquétipo da má, como definido por Silvia Oroz (1999) quanto aos arquétipos femininos presentes no melodrama latino-americano. Conforme definem Silva, Ribeiro e John (2017) a má "[...] é vingativa, é ousada, é rebelde, é odiada, é temida, é desejada, ela desafia a ordem".

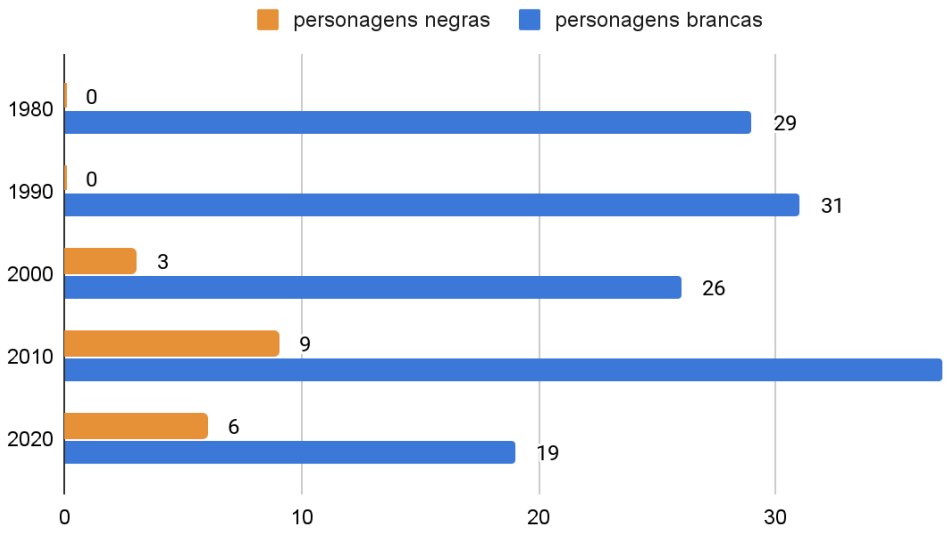


Gráfico 1: Classificação racial de heroínas e vilãs das novelas das 21h - 1980-2024.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Como fica evidente no gráfico, a análise documental revela um significativo intervalo de mais de 20 anos sem a presença de protagonistas negras. Das 163 personagens mapeadas, apenas 18 são classificadas como pretas ou pardas. Durante o período de 1980 a 2006, todas as protagonistas das novelas das nove eram personagens brancas, refletindo uma falta evidente de diversidade étnico-racial nas narrativas televisivas brasileiras. Ao longo do intervalo mapeado, foram identificadas 13 novelas com protagonistas negras. As personagens e respectivas atrizes[4] que as representaram nessas telenovelas estão descritas no quadro abaixo:

Telenovela	ano	personagem/atriz	heróina ou vilã?
Paraíso Tropical	2007	Bebel/ Camila Pitanga	Vilã
Caminho das Índias	2009	Maya/ Juliana Paes	Heroína
Viver a Vida	2009/10	Helena/ Taís Araújo	Heroína
Salve Jorge	2012	Morena/ Nanda Costa	Heroína
Babilônia	2015	Regina/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Maria Tereza/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Luzia/ Lucy Alves	Vilã
A Força do Querer	2017	Bibi/ Juliana Paes	Heroína
Amor de Mãe	2019	Lurdes/ Regina Casé	Heroína

[4] Para a classificação étnico-racial das personagens não foram, neste primeiro momento, consideradas as autodeclarações de pertencimento étnico-racial das próprias atrizes. Este aspecto será considerado quanto o conjunto das 18 personagens forem analisadas de modo a verificar como se dá essa relação entre a personagem na tela (classificada pela perspectiva da representação visual) e o processo de heteroidentificação das próprias atrizes.

Amor de Mãe	2019	Camila/ Jéssica Ellen	Heroína
Amor de Mãe	2019	Vitória/ Taís Araújo	Heroína
Dona do Pedaço	2019	Maria da Paz /Juliana Paes	Heroína
Pantanal	2022	Filó/ Dira Paes	Heroína
Travessia	2022/ 23	Brisa/ Lucy Alves	Heroína
Terra e Paixão	2023	Aline / Barbara Reis	Heroína
Renascer	2023/24	Maria Santa / Duda Santos	Heroína
Renascer	2023/24	Teca / Lívia Silva	Heroína
Renascer	2023/24	Elidiane Ferreira / Maria Lúcia	Heroína

Quadro 1: Personagens negras presentas nas telenovelas das 21h de 1980 a 2024.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

A primeira protagonista negra registrada na pesquisa foi a personagem Bebel, de Paraíso Tropical (2007), interpretada pela atriz Camila Pitanga. No mapeamento feito, Bebel foi classificada como vilã. De 2010 a 2019, observou-se um aumento no número de protagonistas negras em detrimento às outras décadas avaliadas, com 9 personagens catalogados durante este período. No entanto, esse número ainda é significativamente inferior ao de protagonistas brancas, que somaram 37.

Essa falta de representação reflete as contradições enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade mediante a opressão sistêmica. Ainda que estejamos realizando a análise de personagens ficcionais, a telenovela das 21h, como uma “narrativa da nação”, conforme definido por Lopes (2009), reforça o cenário vivenciado por mulheres negras da “vida real”. Neste sentido, partimos da perspectiva de Patrícia Hill Collins (2020) ao argumentar que a luta por autodefinições próprias, das mulheres negras, é constantemente desafiada pela objetificação externa como "O Outro". Ou seja, as mulheres negras da realidade não encontram sua representação nas mulheres negras da ficção, diminuindo assim os espaços de autorrepresentação. Vale dizer, inclusive, que não há, em mais de 60 anos de história da teledramaturgia nacional nenhuma autora ou diretora negra nas telenovelas da Rede Globo. Apenas 18 protagonistas negras em um período tão extenso evidenciam não apenas a sub-representação de pessoas negras, mas também a perpetuação de estereótipos e a marginalização das experiências dessas mulheres. Essa dinâmica sublinha como a mídia e o entretenimento, ao não refletir a diversidade e complexidade da sociedade brasileira, contribui para a manutenção de normas que depreciativamente impactam a condição das mulheres negras no cotidiano.

Outro aspecto relevante da pesquisa foi a análise da tonalidade[5] da pele entre as protagonistas negras mapeadas. Das 18 personagens, apenas duas eram retintas (pretas de pele escura), enquanto 88,8% eram mulheres com uma tonalidade de pele mais clara. As duas personagens retintas fazem parte do elenco do remake da novela Renascer (2024), sendo Maria Santa, vivida por Duda Santos, e a professora Maria Lúcia, interpretada por Elidiane Ferreira. Consequência do racismo, o colorismo refere-se à discriminação baseada na tonalidade de pele e características associadas às pessoas negras. Quanto menos características negras uma pessoa apresenta, maior é a aceitação ou a passabilidade que ela tende a ter em determinados contextos.

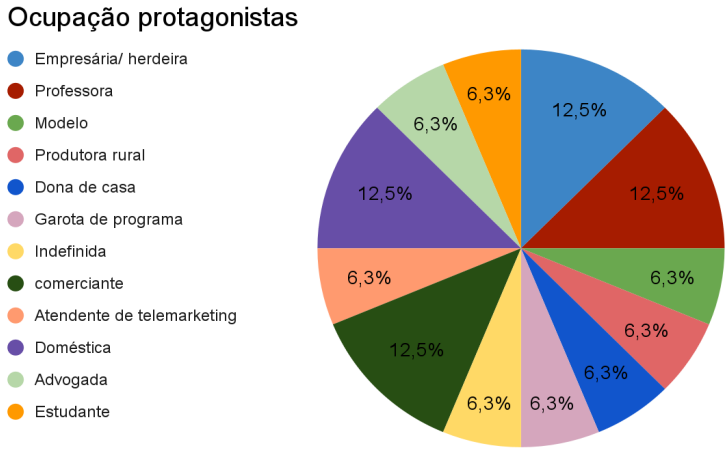


Gráfico 2: Mapeamento de profissões exercida pelas protagonistas negras nas novelas
Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Além disso, a pesquisa identificou as classes sociais das protagonistas. Sendo que 41,7% (7) das personagens estavam classificadas como pertencentes à classe baixa ou média baixa. Dessas, 29,4% experimentavam uma ascensão de classe durante a trama, frequentemente transitando de uma situação de classe baixa para alta- como no caso da personagem Regina da novela Babilônia (2015), vivida por Camila Pitanga. No entanto, essa mudança de status social nem sempre é retratada de maneira positiva. Por exemplo, a ascensão das personagens Bibi Perigosa, vivida por Juliana Paes em A

[5] Como parte do processo da análise das personagens, pretendemos aprofundar a discussão sobre colorismo, inclusive para abordar as diferenças numéricas entre mulheres de pele mais ou menos retintas como protagonistas. Para essa discussão, pretendemos utilizar como referência o livro Colorismo de Alessandra Devulsky (2021).

Força do Querer (2017) e Bebel, de Paraíso Tropical (2007), envolvia situações moralmente questionáveis, envolvendo situações de corrupção e crime.

Ao todo, foram identificadas 11 ocupações (gráfico 2) exercidas pelas personagens ao longo das tramas. Apenas três profissões — advogada, empresária e modelo — apresentavam um status social elevado e certo poder. Os exemplos podem ser observados nas narrativas da advogada Vitória de em Amor de Mãe (2019), da empresária Maria Teresa e da herdeira e produtora rural Luiza de Velho Chico (2016), e da modelo Helena de Viver a Vida (2010).

As demais profissões estavam classificadas como papéis de cuidado, professoras, lavadeiras, faxineiras e donas de casa, ou profissões de menor remuneração e prestação de serviços, como atendentes de telemarketing, comerciantes e garotas de programa. Esses dados reforçam a tendência, atravessada pelo racismo no contexto brasileiro, de atribuir à população negra papéis sociais subalternos. Na visão naturalizada do racismo cabe à mulher negra apenas o local de servidão, em papéis como cozinheira, servente, trocadora. (Gonzalez, 1984)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na telenovela, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 16, n.3, p. 979-985, set./dez. 2008.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro Conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje,** p. 223–244, 1984.

_____. (1979c). O papel da mulher negra na sociedade brasileira (mimeo, Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10- 12 maio de 1979).

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Editora PUC-Rio, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZes.** Ano 3 – Nº 1 ago./dez. 2009 Disponível em: https://repositorio.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32406/art_LOPES_Telenovela_2009.pdf?sequence=2